

5. Filhinhos de mamãe

A sexualidade masculina tem tantas complicações quanto a feminina. Acrescente-se que há muito mais possibilidades de que elas sejam sentidas pela visão, pelo tato e no trato das suas *partenaires*. Seu caprichoso representante – o inefável pênis¹ – nem sempre dispõe do vigor exigido, da dureza adequada e do desprendimento necessário para chegar ao fim quando a ocasião assim o exija, ou para não fazê-lo precocemente. Entretanto, segundo exige o Ideal da (o) Outra(o), deve dar sempre mostras de que está disposto e *é capaz de cumprir com* suas funções. O imaginário da *Cultura universal* supõe que o *poder* dos homens se define pelo modo como se comporta tal apêndice. Pois bem, nos casos “normais”, ele o faz segundo o *poder* de sedução das mulheres. Desse mal-entendido surge uma quantidade de enredos que nos permitirão descrever mais de uma comédia. Crêem-se estar fora dessa dependência ao objeto feminino, os verdadeiros homens (os homossexuais), capazes de recorrer, por obrigação, aos

¹Para que a capacidade do mesmo não ficasse reduzida a um nome que inevitavelmente o coagulasse em algum sentido, alguma coisa (como pênis, por exemplo) Lacan tensionou a rota aberta por Freud quando, remetendo-se aos antigos gregos, resgatou a palavra falo e a escreveu (falo imaginário). Ou seja, o que aparece para o Inconsciente como faltante nas mulheres.

membros do próprio sexo para estimulá-lo. Dizemos capacidade por obrigação, porque provém de uma dependência tão forte do Outro sexo que lhes impede de furá-lo, e não apenas isso, pois este os condena a ser o suporte de seu valor fálico. Basta observar certos cabeleleiros e/ou estilistas de alta costura para captar a paixão e o trabalho que põem *nessa missão*.

O pênis, testemunho que, por suas dimensões, obceca mais ou menos a todo macho, teve a maldita sorte de ser o depositário da ilusão de que pudesse haver algum lugar da *Cultura* onde o *poder* do gênero humano não tivesse limites. De modo extravagante, esse lugar é suposto no corpo de algum “portador são” do testemunho. Seu representante (esse incontrolável pedaço) se encontra ameaçado alternativamente, ou sem alternativas, pela lúmpen gonorréia, a infame sífilis e a universal Aids; todas que em seus primórdios foram, segundo a lenda, doenças só de machos. Mas, segundo captou Freud, sábio leitor do inconsciente, de onde deveria vir a fonte de *poder* para o pênis – a saber, o objeto feminino –, também poderiam surgir ondas invejosas, portanto, ameaçadoras. Coisa que Mrs. Klein, fazendo caso omissos de seu sobrenome, quis dissimular. Embora não tenha podido deixar de reconhecer, nas análises que conduziu, as fantasias inconscientes povoadas por ameaçadoras vaginas dentadas, ou por interiores do corpo materno, habitados pelo pênis arrancado do pai e ali alojado pela mãe.

Ou seja, a sexualidade masculina, quando tem êxito *in (T)toto*, é por meio de um delírio maníaco dificilmente sustentável, *esquecendo ou renegando* as ameaças de castração provenientes das fontes de seu *poder*. É um dos tantos impossíveis com os quais o homem gosta de dar com os *cornos* contra a parede (a que, como *todo bom lacaniano* sabe, é anagrama de pai). Disso falava um tal Lacan, quando propunha a inexistência da relação sexual, apenas suportável graças à compulsão fornicadora.

Segundo aquele velho sábio, e coincidindo com o que dizem nossas analisantes, a carência de tal testemunho (o pênis) as faz

aguardar a recompensa por essa *injustiça* com a chegada de um filho, para ocupar o lugar daquele que o pai lhes deve.

Infortúnio fundador da sexualidade masculina, quem vier a assumi-la ficará marcado de saída por esse condicionamento de ser “propriedade da *ma-mãe*”. Daí que, em maior ou menor medida, em algum lugar, em vários lugares, ou em todos a saia da mamãe se alça para colocar o “pequeno” debaixo dela. Resultado: inibição de sua sexualidade masculina. Porque é sabido que “com a mamãe, não se pode”. Mas com a mamãe goza o corpo do “nenê” como um todo. Esse gozo só estará proibido ao testemunho (leia-se pintinho, dito assim pela mamãe, com ternura *resplandecente*, diminutiva). É provável que resida nisso uma das razões pelas quais a maioria dos homens (obsessivos) prefira *ser* a *ter*, e os histéricos, insistentes em se fazer representar por um protagonista tão pequeno, delegam a ele (o pequeno) seu *ser*. Os obsessivos, então, atualizam um gozo esquecido mantendo-o proibido, e os histéricos insistem em reivindicar o órgão, querendo *ser* segundo seu *poder*. E, quando ocorre aos obsessivos *ter*, é para *entesourar* ou aplicar e conseguir mais. Em bom português: para *ser* mais, não para fruir ou desfrutar. Apenas *ter para ser*. Mantém-se a repressão sobre o erotismo peniano, ao mesmo tempo em que se sustenta o *ser fálico para a mamãe*. Isto é, um sintoma freudiano, suportado na transação, e um sintoma lacaniano, ao metaforizar o desejo da mamãe. Para todo homem (que não tenha conseguido resolver seu Édipo), como sua mãe “*não haverá nenhuma igual, não haverá nenhuma! Nenhuma com sua pele e com sua voz! Sua pele, magnólia que molhou a lua, sua voz, murmúrio que criou o amor*”². A todos o gozo peniano e a possibilidade de desfrutar de uma relação que possa ser vivida razoavelmente com as mulheres ficam empobrecidos em troca do gozar, nessas circunstâncias, do *babaca* “*ser*”, ou seja, de “*ser*” *babaca*.

²Trecho de *Ninguna*, tango de Homero Manzi e Raúl Fernández Siro. [No original: “no habrá ninguna igual, no habrá ninguna / ninguna com su piel y com su voz. / Su piel, Magnólia que mojó la luna, su voz, murmullo que creó el amor”.]

Seria uma convergência “*democrática e não discriminadora*” a da sexualidade feminina com a masculina? As histéricas se defendem da angústia de castração identificando a imagem do próprio corpo com o falo. Reclamando ser amadas e reconhecidas, pagam com a perda do gozo feminino. Os obsessivos, encadeando a imagem de seu corpo e sua cabeça ao mesmo testemunho (inteligência, moral, “boa educação” ou habilidade para os negócios, engenho nato, poucos escrúpulos, capacidade de mando, *poder*) pagam com a perda de gozo no reduto mais delicado do homem. O histérico o supervaloriza de tal maneira que renuncia a várias curtições (por meio da *ejaculatio praecox*, da impotência propriamente dita, ou da impotência orgástica) para dele cuidar, ficando tão-só com o gozo imaginário de seu donjuanismo ou de sua beleza; em outras palavras, puro narcisismo.

Antigamente, o culto à “*santa mãezinha*” era acompanhado da “*piedade salvacionista*” para com a prostituta. Hoje, a aguerrida, militante e, por que não, militar, ofensiva feminista, representa, no imaginário cultural, a corporificação daquelas fantasias da sexualidade masculina. Agora, em aras de utopia democrático-burguesa, o mundo caminha em direção a uma realidade unissex.

As mulheres se queixam – “*não há mais homens!*” –, sem se darem conta de que, seguindo a lei descoberta pelo velho mestre francês³, recebem invertida a própria mensagem. De tanto proclamar a igualdade sexual, tentar apagar as diferenças de sexos (dizendo ser machista sustentá-las, e que há somente diferenças de gêneros), e de tanto reclamar serem somente amadas e não gozadas como objeto, convenceram os homens de suas reivindicações. Então, eles se transformaram em uma desprezível (e desprezada por elas) manada de ex: ex-namorados, ex-maridos, ex-amantes, ex-homens. E quando todos e todas se tornaram iguais, o mundo virou um tédio.

³Jacques Lacan [1901-1980].